

O TRABALHO DE PRODUZIR ECONOMIA SOLIDÁRIA É TAMBÉM O DA PRODUÇÃO SIMBÓLICA

Lucília Machado

Professora do Programa de Pós-Graduação em
Gestão Social, Educação e Desenvolvimento
Local do Centro Universitário UNA
lsmachado@uai.com.br

Resumo: A pesquisa objetivou identificar e analisar elementos da produção de cultura e de saberes na economia solidária no Brasil. Pressupôs que, no campo simbólico, o trabalho na economia solidária enfrenta grandes desafios: a superação de dependências em relação aos assistencialismos, filantropias e doações; o exercício da criatividade e da autonomia; a necessidade de imprimir caráter solidário às ações empreendedoras; a conquista da auto-estima, dignidade e reconhecimento. A metodologia utilizada consistiu de análises de textos postados nos boletins do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES). Chegou-se à conclusão de que contradições e riscos enfrentados pela economia solidária pedem maior atenção e investimento estratégico na produção simbólica, na ocupação de espaços no campo da educação, da cultura e da ética.

Palavras-chave: Economia solidária. Trabalho e cultura. Educação.

Abstract: The research is aimed at identifying and analyzing elements of the production of culture and knowledge in the social economy in Brazil. It is assumed that, in the symbolic field, work in solidarity economy faces major challenges: overcoming dependencies in relation to care policies, philanthropy and donations, the exercise of creativity and autonomy, the need to give a supportive characteristic of entrepreneurial actions, the conquest of self-esteem, dignity and recognition. The methodology consisted of analysis of texts posted on the bulletin board of the Brazilian Forum of Solidarity Economy (FBES). There's a conclusion that contradictions and risks faced by

the social economy urge for more attention and symbolic strategic investment in production, in the occupation of spaces in the field of education, culture and ethics.

Keywords: Solidarity economy. Labor and culture. Education.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta resultados de incursões exploratórias no tema da produção do simbólico na, para e pela economia solidária por meio de pesquisa em textos postados nos boletins eletrônicos do Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES)¹. Tais procuras partiram do pressuposto de que o associativismo popular, nas suas diferentes formas de manifestação, promove dinâmicas culturais e de produção de conhecimentos e saberes, vindo a se configurar como espaço de expressão de sistemas simbólicos mais ou menos organizados como parte da construção de sua identidade, diferenciação e afirmação dos seus interesses. Nesse sentido, a produção simbólica se torna parte de um complexo, por vezes contraditório, de relações sociais por meio das quais são organizadas, produzidas e reproduzidas formas de agir, de pensar e de sentir (VYGOTSKY, 1988), tornando possível aos participantes do associativismo popular vencer suas dúvidas, incertezas e inquietações, ocupar o ambiente e fazer face às situações, nem sempre favoráveis, em que se encontram.

Por meio dessa pesquisa foram identificados elementos do repertório da produção de cultura e de saberes, que seriam necessários ao desenvolvimento da economia solidária, conforme discussão em curso no Brasil, nos últimos anos, no espaço do FBES. A consulta aos textos conduziu à identificação de quatro eixos, que serviram de referência para a identificação desses elementos. O primeiro deles se refere aos processos de produção, comercialização e distribuição dos produtos e serviços. O segundo, às questões de acesso e organização dos serviços de crédito. O terceiro, aos problemas e desafios relacionados ao reconhecimento jurídico das organizações que formam essa economia e de suas atividades. O quarto, às necessidades e demandas da formação, assistência e desenvolvimento tecnológico.

¹ Disponível em: <http://www.fbes.org.br/>. Na primeira quinzena de agosto de 2012, os boletins chegavam regularmente a dez mil leitores e comemoraram cem edições. Em março de 2005 foi publicada a primeira delas.

Partiu-se do pressuposto de que, no campo da produção simbólica, o trabalho na economia solidária enfrenta grandes desafios, pois envolve a busca da superação de dependências em relação aos assistencialismos, filantropias e doações; das condições para o exercício da criatividade e da autonomia; da necessidade de imprimir caráter estruturante às ações empreendedoras e da conquista da auto-estima, dignidade e reconhecimento. Segundo Singer,

O trabalho é uma forma de aprender, de crescer, de amadurecer, e essas oportunidades a economia solidária oferece a todos, sem distinção. Trabalhadores educados no capitalismo têm cada vez mais oportunidade de passar à economia solidária – isso está acontecendo, por exemplo, com empreendimentos que falham, entram em crise e os trabalhadores coletivamente os assumem organizados em cooperativas. Esse tipo de mudança representa a passagem da absoluta irresponsabilidade e ignorância em relação ao que ocorria na antiga empresa a uma nova situação, em que eles têm a responsabilidade coletiva pela nova empresa: se ela por algum motivo não ganha, eles também não ganham (SINGER, 2008, p. 290).

Registros do quadro teórico a respeito da economia solidária

Em balanço de estudos que integram o panorama teórico sobre economia solidária, Leite (2009) selecionou alguns autores da literatura internacional e nacional, dentre os quais aqueles que entendem essa economia como o prenúncio de um processo de transformação social e outros que dela trazem uma visão mais crítica alegando ter ela caráter efêmero e não promissor para a geração de emprego e renda.

A autora associa o contexto de disseminação das experiências de economia solidária, no Brasil e internacionalmente, ao “... conjunto de transformações que vêm reconfigurando o social” (2009, p. 32) a partir da crise do trabalho assalariado. Ao analisar interpretações sobre esse fenômeno, ela constatou que embora haja alguns consensos entre os autores por ela estudados, eles apresentam diferenças sobre como percebê-lo e conceituá-lo.

Singer (2000b) não o toma, segundo a autora, como fato novo. Ao contrário, o associa às experiências operárias do início do século XIX derivadas e referenciadas nas

ideias de Robert Owen (1771-1858), reformista social galês, considerado como um dos fundadores e militantes do cooperativismo e do socialismo utópico. Para a autora, Singer liga a economia solidária à “idéia da transformação social das relações de produção capitalistas e sua substituição pelos princípios socialistas de igualdade e solidariedade, baseados na idéia de autogestão e de controle operário sobre a produção” (LEITE, 2009, p. 32). Outra seria, segundo a autora, a leitura de Laville (2006) e França Filho (2006) sobre o momento de emergência do fenômeno da economia solidária. Eles o veriam como algo novo, associado à “crise da relação salarial que se abriu no último quartel do século passado e que, embora retome experiências do século XIX como as cooperativas e os empreendimentos autogestionários, adquire novos significados no atual contexto econômico e social” (LEITE, 2009, p. 32). Essas novas acepções teriam a ver com demandas por mudanças na forma de trabalhar, na qualidade de vida, nas relações entre sexos e grupos de idade, na relação com o meio ambiente e por maior participação na vida social.

LEITE não retoma a clássica discussão, que demarcou posições “especialmente entre os estudiosos de esquerda” (2009, p. 32) em torno de questões que permeiam a economia solidária, mas registra alguns dos autores que contribuíram para as polarizações históricas: a filósofa, economista e militante marxista polonesa-alemã Rosa Luxemburgo (1986); o casal de historiadores do trabalho e ativistas sociais fabianos Beatrice Webb e Sidney Webb (1914), integrantes do grupo de fundadores do Partido Trabalhista inglês; o alemão Edward Bernstein (1961), que se notabilizou pela disposição de rever, na perspectiva evolucionista de reforma social a partir da democracia liberal, o marxismo; e Karl Marx (1979), com sua avaliação crítica do chamado socialismo utópico, de perspectiva não revolucionária embora questionadora da sociedade existente, adepta do trabalho associado e do cooperativismo como tentativas de resposta ao sistema do trabalho assalariado, mas sem, ao seu ver, com possibilidade viável de superá-lo. Segundo Haddad², para Marx,

A cooperativa é uma negação do capitalismo insuficientemente negativa para proporcionar sua superação positiva. É a negação do principal fundamento do sistema, a propriedade privada individual, mas uma negação limitada, já que promovida no interior do regime capitalista. Produzir na escala ótima e com a melhor tecnologia é condição de sobrevivência da cooperativa na

² Disponível em: <<http://criticasocialista.wordpress.com/outros-textos/sindicalismo-cooperativismo-e-socialismo-fernando-haddad/>>. Acesso em 25 ago. 2012.

concorrência com as demais empresas, cooperativas ou não, mas não é garantia da emergência de nova formação social. Mantida a anarquia da divisão social do trabalho, os trabalhadores não se livram totalmente da figura do patrão. Funcionam como patrões de si mesmos, reproduzindo inclusive o sistema de exploração do trabalho. O sujeito automático continua a operar mesmo sem a presença em carne e osso de um de seus suportes.

Voltando ao texto de LEITE, ela registra que, contemporaneamente, “Jean Louis Laville tem sido um dos principais teóricos da economia solidária” (2009, p. 33). Segundo ela, esse autor tem tratado o tema de forma bem ampla incluindo no conceito diversas práticas que se situam na interseção do econômico como outras esferas da vida social:

Tais práticas incluem a criação ou a manutenção de empregos; a produção e a comercialização coletiva; a moradia coletiva; a poupança e o crédito solidários; as trocas não monetárias; os serviços coletivos de saúde; a proteção coletiva do meio-ambiente; a segurança alimentar; o apoio à criação de atividades individuais ou coletivas; a criação de novos serviços (LEITE, 2009, p. 33).

Portanto, Laville entende, conforme registra Leite que economia solidária vai além das cooperativas nas suas variadas finalidades, sejam elas de consumo, de trabalho, de produção e de crédito, e inclui os “clubes de troca, a autoconstrução, o microcrédito ou o crédito solidário, os jardins comunitários, as cozinhas coletivas, os serviços da vida cotidiana (como cuidar de crianças ou idosos)” (2009, p. 33). A autora explica que esse alargamento do conceito de economia solidária realizado por Laville decorre da recuperação que esse autor faz do entendimento de Polanyi (2000) “de que a economia é plural, constituída por uma diversidade de formas de produção, entre as quais se encontrariam as baseadas na reciprocidade” ou de resistência ao mercado, formas caracterizadas pela solidariedade democrática e de proximidade, pelo mutualismo (LEITE, 2009, p. 33).

Para Laville, porém, a atuação da economia solidária não se daria apenas no plano do princípio da reciprocidade, mas também na esfera monetária e de forma complementar, o que a faria ter natureza híbrida (LEITE, 2009, p. 35). A autora chama a atenção para os estudos mais recentes desse autor, que tem conferido importância especial às experiências de economia solidária como premissa do desenvolvimento local, configurando-se com perspectiva de interesse público e político.

Coraggio (2000, 2003) é outro autor recuperado por Leite (2009) para seu balanço teórico sobre economia solidária. Ela o faz não porque ele tenha a intenção de desenvolver esse conceito, mas pelo significado que atribui ao conceito de economia do trabalho: “uma economia social que vai além dos interesses individuais e que busca, primordialmente, a criação de bens coletivos” (LEITE, 2009, p. 35). Cooperativas, unidades domésticas e as outras formas também incluídas por Lavige comporiam essa economia social, assim como o trabalho autônomo. Coraggio recuperaria, assim, segundo a autora, o conceito de empresa social utilizado por De Leonardis, Mauri e Rotelli (LEITE, 2009, p. 36). Tal como Lavige, Coraggio ampliaria a perspectiva abordada no seu conceito que incorporaria a produção não apenas de mercadorias, mas o social, a forma de viver e reproduzir a sociedade, com seus comportamentos e valores simbólicos. Ou seja, a economia social ou do trabalho, de lógica diferente da comandada pelo mercado, assim o é porque é também produção de outra ética, outra cultura, outros valores. A autora lembra, entretanto, que “Coraggio admite a possibilidade do desenvolvimento de relações de concorrência ou até de exploração no interior dessa economia em vez de relações de solidariedade” (LEITE, 2009, p. 36). Assim,

Apesar do mesmo otimismo de Lavige com relação à possibilidade de uma transformação social profunda, a partir de uma outra economia, haveria que se considerar uma diferença importante de interpretação entre os dois autores no que se refere à idéia do devir histórico. Enquanto para Lavige a transformação social aparece quase como uma decorrência natural do desenvolvimento das experiências cooperativistas, para Coraggio ela aparece apenas como uma possibilidade que não obrigatoriamente deverá ocorrer (LEITE, 2009, p. 36).

Dimensões da ação sociopolítica, portanto, também de ordem simbólica, jogariam papel decisivo, segundo Coraggio, na conformação da economia social ou do trabalho.

Singer (2000a, 2000b, 2006) se caracterizaria, segundo Leite (2009, p. 37), por sua visão otimista da economia solidária, por entender que a lógica do cooperativismo seria não capitalista, por nela ver a perspectiva rumo ao socialismo, por considerar que ela realiza a articulação entre as históricas experiências operárias antecedentes e as atuais. Com isso, suas ideias se distanciariam das de Lavige e Coraggio. A autogestão

seria, no pensamento de Singer, o fator crucial da distinção do sentido assumido pela economia solidária, ao pressupor o exercício da igualdade e da democracia. Assim, entende que haveria um modo de produção específico do cooperativismo autogestionário que o aproximaria do socialismo. Embora diferenças importantes de compreensão sobre a economia solidária seriam visíveis entre esse autor e Laville e Coraggio, eles convergiriam, segundo Leite (2009, p. 37) na constatação de que a realidade seria constituída pela presença simultânea de diferentes formas de produção. A autora registra que Singer admite o risco que correm as cooperativas de se assemelharem a empresas capitalistas, dando grande importância, assim, ao exercício da prática autogestionária e à educação crítica e desalienante, portanto, à produção simbólica, como formas de se contrapor à conciliação capaz de deteriorar os princípios da economia solidária.

Dentre os autores que salientam as perspectivas não auspiciosas da economia solidária, Leite (2009) registrou as reflexões de Quijano (2002) produzidas a partir de estudos de caso. Apesar de levar em conta experiências bem-sucedidas, três tendências de ocorrências por ele percebidas nas experiências estudadas levariam à quebra da fidelidade aos princípios da economia solidária: primeiro, em geral, “os empreendimentos que conseguem sobreviver o fazem por meio de redes de relações comerciais e financeiras no mundo empresarial”; segundo, em geral, “o número de trabalhadores tende a diminuir em lugar de aumentar”; terceiro, também em geral, “a divisão interna do trabalho não é muito diferente da empresarial” (LEITE, 2009, p. 38). Segundo a autora, Quijano considera essa economia “mais como uma declaração de intenções do que a afirmação de uma política” (LEITE, 2009, p. 39). Como à intenção vontade e desejo correspondem, subentende-se que a produção simbólica seja um dos seus componentes essenciais.

Ao finalizar sua discussão teórica sobre o conceito de economia solidária, a autora recorre a precisamente aos seus aspectos simbólicos para ressaltar a importância das experiências desenvolvidas nesse campo da prática social:

Isso não significa, contudo, que essas experiências sejam carentes de **significado**, especialmente para os atores nelas envolvidos. Ao contrário, nossa hipótese principal [...] consiste em considerar que, embora não sejam capazes de promover uma transformação social mais significativa, elas são parte da nossa história e vêm **deixando marcas importantes** em nossa

sociedade ao promover a **solidariedade e a autonomia**. Nesse sentido, emergem como formas de resistência importantes à realidade atual do mercado de trabalho e adquirem um **significado** extremamente relevante para os trabalhadores que nelas se inserem, despontando como um elemento central à **compreensão** do novo momento do mundo do trabalho.

Ainda que elas venham a desaparecer no futuro, constituem um tipo de movimento que deixará marcas, que ficará na história da classe trabalhadora, na **memória** não só de seus atores, mas de toda a sociedade (LEITE, 2009, p. 39). Grifos nossos.

A autora deixou, portanto, a discussão em aberto, mas registrou que é preciso levar em conta, na análise da economia solidária, “a complexidade do tema e a impropriedade de se pensar em termos dualistas seja no sentido de suas potencialidades e virtualidades, seja no de seus limites e vulnerabilidades” (2009, p. 31).

O Fórum Brasileiro de Economia Solidária – FBES e seus boletins eletrônicos

O FBES é uma articulação entre empreendimentos solidários, entidades de assessoria e fomento e gestores públicos, que resultou de um processo histórico. Em 2001, foi estruturado seu embrião, o Grupo de Trabalho Brasileiro de Economia Solidária (GT- Brasileiro), a partir da integração de redes e organizações populares envolvidas com variadas práticas associativas. A denominação atual surgiu em junho de 2003 durante a III Plenária Brasileira de Economia Solidária, evento em que foram também aprovadas a Carta de Princípios e a Plataforma de Lutas dessa articulação. Dados de 2012 indicam que o FBES está organizado nacionalmente, aglutinando mais de cento e sessenta fóruns municipais, microrregionais e estaduais; mais de três mil empreendimentos de economia solidária; quinhentas entidades de assessoria; doze governos estaduais e duzentos municípios³. Singer, em entrevista, observa que:

Nós temos hoje algo que é objeto no exterior de muita admiração e até é espantoso e que só existe no Brasil, pelo que eu sei. Nós temos um “Fórum Brasileiro da Economia Solidária” que praticamente abrange tudo que há de economia solidária no país: todos os tipos de empreendimentos de economia solidária, todas as ONG e movimentos sociais que apóiam a economia solidária e que se servem dela como maneira de enfrentar os problemas sociais e econômicos; e os gestores públicos, municipais e estaduais que executam políticas de apoio à economia solidária. Todos estão no mesmo

³ Disponível em: < <http://www.fbes.org.br>>. Acesso em 25 ago. 2012.

Fórum; então essa diversidade a que você está se referindo é observável cada vez que ele se reúne. Ele é muito ativo, faz reuniões regionais, organiza reuniões plenárias (SINGER, 2008, p. 296).

Os boletins eletrônicos são publicados quinzenalmente sob a responsabilidade da secretaria executiva do FBES. Eles trazem as atividades desenvolvidas pelo fórum nacional e pelos estaduais de economia solidária; informações sobre esse tipo de economia no Brasil; notícias internacionais da economia solidária; oportunidades; artigos ou reflexões; resultados de pesquisas acadêmicas; informações sobre seminários, encontros e oficinas; homenagens; campanhas etc. Conteúdos desses boletins, em conformidade com os princípios autogestionários, podem ser selecionados segundo interesses personalizados ou de algum fórum local de economia solidária para dar origem à montagem e impressão do Mamulengo, um boletim *ad hoc*⁴. Dez mil pessoas⁵ recebem os boletins do FPES regularmente e a cada quinze dias. Cem edições, desde 2005, se completaram em agosto de 2012.

Além dos boletins, o sítio eletrônico do FBES disponibiliza uma biblioteca⁶, que armazena e disponibiliza um conjunto de materiais com atualização diária. No momento da consulta realizada⁷, constava a informação de que seu patrimônio chegava à casa dos 1.429 documentos agrupados em quatro categorias. A que agregava uma maior quantidade, Atividades do FBES, com 724 documentos (50,7%), inclui relatórios de reuniões, publicações do fórum, oficinas e seminários, relatórios de atividades e apresentações para *datashow*. A segunda categoria, Acervo Temático, compunha-se de 421 documentos (29,5%) e abrange material organizado segundo temáticas estratégicas para a economia solidária, artigos, reflexões e trabalhos acadêmicos. A terceira em quantidade de documentos é a que focaliza Oportunidades e trazia, no momento da consulta, 182 documentos, 12,7% do acervo dessa biblioteca, os quais versam sobre

⁴ “*Ad hoc* é uma expressão latina que significa “para esta finalidade” ou “com este objetivo”. Geralmente se refere a uma solução destinada a atender a uma necessidade específica ou resolver um problema imediato - e apenas para este propósito, não sendo aplicável a outros casos.” Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Redes_ad_hoc>. Acesso em 26 ago. 2012.

⁵ Disponível em: <http://www.fbes.org.br/boletins/100_ago2012.html>. Acesso em 25 ago. 2012.

⁶ Disponível em: <http://www.fbes.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=3820&Itemid=216>. Acesso em 26 ago. 2012.

⁷ 26 de agosto de 2012.

ofertas de trabalho em diversas áreas relacionadas à economia solidária, licitações e editais. Por fim, a quarta categoria de documentos compõe o Acervo Multimídia e ocupava 4,3% do conjunto da biblioteca, oferecendo arquivos de logomarcas, vídeos/filmes, áudio/material de rádio, imagens e outros materiais gráficos.

O sítio eletrônico do FBES oferece, portanto, um material muito amplo e numericamente relevante para a pesquisa sobre o tema da produção simbólica na, para e pela economia solidária e outros.

Os números abaixo são expressivos dessa riqueza de materiais ali disponibilizados:

TABELA 1 – Notícias publicadas por ano

<i>Ano</i>	<i>N</i>
2005	386
2006	963
2007	1065
2008	1195
2009	862
2010	649
2011	996
2012	429
TOTAL	6545

Fonte: <http://www.fbes.org.br>

Observação: para 2012, considerar seis meses.

Quanto à categoria dos conteúdos publicados⁸, dessas 6545 notícias, 3225 (49,3%) foram sobre Economia Solidária no Brasil, 1478 (22,6%) sobre notícias gerais, 613 (9,4%) sobre oportunidades, 594 (9,1%) artigos e reflexões, 443 (6,8%) sobre Economia Solidária no mundo, 79 (1,2%) sobre a II CONAES⁹, 65 (1,0%) sobre a V Plenária¹⁰, 28 (0,4%) sobre a Campanha pela Lei da Economia Solidária e 20 (0,3%) sobre CF 2010 – Economia e Vida¹¹.

⁸ Disponível em: <http://www.fbes.org.br/index.php?option=com_wrapper&Itemid=240>. Acesso em 25 ago. 2012.

⁹ II Conferência Nacional de Economia Solidária, realizada em Brasília nos dias 16 a 18 de junho de 2010, convocada para debater o tema: o direito às formas de organização econômica baseadas no trabalho associado, na propriedade coletiva, na cooperativa e na autogestão, reafirmando a economia solidária como estratégia e política de desenvolvimento.

O significado da economia solidária nos boletins eletrônicos do FBES

Os textos publicados nos boletins do FBES chamam a atenção para a importância da economia solidária e sua expansão não apenas no Brasil e, devido a essa difusão internacional, para a perspectiva de ser uma alternativa, de caráter solidário, de outra globalização econômica. Graças à sua propagação e a auspiciosa expectativa gerada com respeito às suas potencialidades para o desenvolvimento local, estaria progressivamente ganhando o apoio de diversos governos. Essas crenças e confiança seriam produzidas material e simbolicamente pela própria impossibilidade do modo de produção hegemônico, o capitalista, de resolver as contradições por ele geradas, por suas crises estruturais com seus desdobramentos no plano da economia, do social, da política, da cultura, do meio ambiente e do psicossocial.

Por sua vez, a economia dos empreendimentos solidários se revela nos textos dos boletins do FBES por meio das denotações simbólicas expressas por suas diversas facetas e quatro delas aparecem nitidamente: a) como um modelo pré-estabelecido, uma representação, uma idealização de organização socioeconômica; b) como uma prática econômica e social existente de fato; c) como um movimento cultural e ético e d) como política pública de desenvolvimento econômico e social.

Em cada um desses seus aspectos particulares, a economia solidária buscaria re-significar o sentido do agir econômico em sociedade, se valendo de premissas do direito econômico; do direito ao trabalho associado; de valores sociais, políticos, culturais e ambientais, colocando-se como alternativa de sustentabilidade humana, social, econômica, ambiental e cultural.

¹⁰ V Plenária Nacional de Economia Solidária: bem viver, cooperação e autogestão para um desenvolvimento sustentável, que será realizada em Brasília entre 9 e 13 de dezembro de 2012, prevendo-se a participação de mais de 800 representantes estaduais e 200 observadores e convidados.

¹¹ Campanha da Fraternidade de 2010. Ordinariamente promovida todos os anos pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, nesse ano, essa campanha foi uma iniciativa ecumênica do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs. O tema foi “economia e vida” e o lema, “vós não podeis servir a Deus e ao dinheiro” (Mt 6,24).

Nesse ânimo de produção simbólica, textos dos boletins lembram que o empreendedorismo solidário tem procedências nas práticas e embates de organizações laborais e de movimentos populares, estudantis e ligados a igrejas. Buscam mobilizar consciente e voluntariamente, por em movimento a energia psicológica necessária à busca de alternativas de sustentabilidades. Ressaltam os valores da economia solidária pelas oportunidades e possibilidades que ela ofereceria: de ser uma alternativa ao desemprego ou de complementar renda; de participação coletiva de processos gestionários; de acesso a linhas de crédito; de recuperação por trabalhadores de empresas falidas; de desenvolver potencialidades comunitárias; de participação organizada; de qualificação profissional; de realização de objetivos de transformação social etc.

Quaisquer que sejam as finalidades dos empreendimentos solidários (produzir bens, prestar serviços, comercializar, conceder crédito ou financiamento, promover o consumo solidário), valores básicos são apresentados e discutidos nos boletins do FBES, tais como: a cooperação com base na existência de interesses, objetivos e esforços comuns; a autogestão mediante práticas coletivas e participativas de gestão; a ação econômica orientada por finalidades sociais, culturais e ambientais; a solidariedade como relação social e condição necessária para a repartição equitativa de direitos, oportunidades e resultados e para a comunhão e mutualidade de interesses e deveres.

Conotações desses valores simbólicos aparecem com nuances conforme as duas formas básicas de empreendimento solidário. Uma delas se refere às unidades caracterizadas pelo controle e propriedade coletiva dos meios de produção e dos bens e/ou serviços produzidos. A outra diz respeito a formas de organização constituídas com as finalidades de realizar compras, vendas e trocas de produtos ou de serviços; gestão de créditos solidários e fundos rotativos; gestão de cadeias solidárias de produção, comercialização e consumo. São as associações de empreendimentos isolados, as cooperativas e os grupos informais. São as redes de colaboração formadas por produtores, prestadores de serviço e consumidores e constituídas para viabilizar o aumento da oferta solidária de produtos e serviços; o incremento do consumo de todos; trabalho e renda a mais gente. São as cadeias produtivas solidárias, que se ocupam da articulação de segmentos diferenciados e interdependentes, das trocas de conhecimentos

e planejamentos comuns, dos acordos quanto a preços e especificações sobre produtos e serviços.

Repertórios da produção de saberes e cultura para e na economia solidária

A pesquisa exploratória dos boletins do FBES sobre a produção simbólica para, na e pela economia solidária se organizou por repertórios ou conjuntos de matérias e assuntos por eixos temáticos, a seguir arrolados de forma sintética.

No eixo da produção de saberes e cultura sobre produção, comercialização e distribuição, incluem-se conteúdos sobre a descoberta de nichos de mercado, marketing, logística, comercialização; a qualidade e certificação de produtos e serviços; redes e cadeias produtivas solidárias; feiras de economia solidária, clubes de trocas e moedas sociais; proteções e salvaguardas nas relações comerciais com o exterior; redução da ação de intermediários; estímulo ao consumo responsável e solidário e emissão de documentos fiscais.

No eixo da produção de saberes e cultura sobre acesso e organização de serviços de crédito, incluem-se as políticas de crédito e financiamento; agências de financiamento, cooperativas de crédito, bancos solidários e comunitários; linhas de crédito e de investimentos não reembolsáveis; fundos solidários e rotativos de apoio a pequenos projetos; clubes de trocas; sistemas de moedas sociais circulantes locais e riscos do crédito.

No eixo da produção de saberes e de cultura sobre reconhecimento jurídico das organizações solidárias e suas atividades, incluem-se o direito do trabalho associado; sistema tributário diferenciado; acesso à seguridade; formalização dos empreendimentos.

No eixo da produção de saberes e cultura sobre formação, incluem-se a formação de formadores, lideranças, agentes comunitários de desenvolvimento, educadores, assessores, gestores públicos, conselheiros de políticas públicas e multiplicadores; princípios, práticas e valores da economia solidária nos projetos pedagógicos, de forma transversal e interdisciplinar, nos vários níveis de ensino;

pesquisa e sistematização da pedagogia da solidariedade ou da cooperação ou da reciprocidade; documentação e publicação de material didático e informativo.

Quanto à produção de saberes e cultura sobre assistência, esta inclui as questões técnicas, gerenciais e organizativas; pesquisa; sistema de Informações em Economia Solidária (SIES); comunicação (jornais, rádios e TV's comunitárias etc.); incubadoras tecnológicas e grupos de extensão universitária; portais eletrônicos e catálogos de produtos e comercialização.

Quanto ao saberes e cultura sobre desenvolvimento tecnológico, mencionam-se os desafios quanto às tecnologias apropriadas à Economia Solidária; tecnologias sociais; novas tecnologias; acesso a equipamentos e programas de informática; softwares livres; Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares.

Portanto, os repertórios da produção de saberes para, na e pela economia solidária emergiram da pesquisa exploratória realizada como amplos e desafiantes. São saberes conceituais, técnicos, organizativos e estratégicos sobre gestão da qualificação dos produtos, serviços e processos; gestão da produção e do escoamento; gestão social, organização e articulações internas e externas; planejamento participativo, captação de fomentos e financiamentos e incorporação de avanços tecnológicos.

Do lado da produção de cultura, os repertórios não são menos desafiantes, pois envolvem atitudes, comportamentos, modos de viver com significados e sentidos para além do objetivo estritamente econômico, pois se referem a novas formas de trabalho, ao ser humano nas relações sociais e econômicas, ao trabalho coletivo, às relações de trabalho horizontais, ao exercício do poder compartilhado, à pluralidade, ao respeito às diferenças, ao exercício da tolerância, à distribuição equitativa dos ganhos, à confiança mútua; à autodeterminação.

Considerações finais

Seja como modelo pré-estabelecido de organização socioeconômica, prática econômica e social existente de fato, movimento cultural e ético ou política pública de

desenvolvimento econômico e social, os boletins do FBES buscam evidenciar que a economia solidária vem expandindo, no Brasil. Como revérbero de uma sociedade extremamente desigual e até mesmo por isso, o que se percebe, nas leituras dessas publicações, é a notável visibilidade que tal economia vem ganhando nas últimas décadas, mesmo porque é dessas entranhas de sociedade fortemente desigual que herda suas contradições e riscos.

Da leitura realizada, se retira a face do novo, das relações de produção do mercado solidário, do espírito solidário, dos valores da cooperação, da gestão colegiada ou coletiva, da autonomia, dos sujeitos construtores da própria identidade, dos princípios morais da solidariedade. Porém, percebem-se também os receios quanto à face da permanência, das determinações do mercado capitalista, do espírito competidor, dos valores da eficiência capitalista, das dificuldades de construção de consensos a partir de pontos de vista diferentes, das regulações impostas pelo Estado, dos perigos advindos com a institucionalização dessa economia, das armadilhas do pragmatismo.

Os textos oferecem elementos importantes de uma produção simbólica impulsionada por valores da economia solidária ideal; pela busca de mudanças societárias; pelo otimismo, voluntarismo, moralismo e pelas místicas emocionais. Trata-se de um discurso social e político explícito que requer para sua materialização o tempo longo das mudanças sociais e culturais. De outro lado, os textos dos boletins pesquisados promovem também a produção simbólica da economia solidária real, aquela que fala da necessidade da sobrevivência econômica, da crise psicossocial que acomete as sociedades atuais, da fragilidade estrutural, da busca por resultados apesar das imposições da racionalidade econômica capitalista vigente. Trata-se do discurso nas entrelinhas e que tem como desafiante o tempo curto das mudanças que precisam acontecer de maneira urgente na vida de cada um dos participantes dessa economia, individual e subjetivamente.

No enfrentamento desses desafios, contradições e riscos, percebe-se nos textos dos boletins pesquisados, um tipo de produção simbólica dirigida a estratégias políticas de reconhecimento da economia solidária como política de desenvolvimento, dos trabalhadores dessa economia como sujeitos políticos e culturais importantes, do espaço dessa economia nos governos, da necessidade que essa economia possui de receber a

atenção de políticas públicas setoriais articuladas na sua transversalidade e complementaridade e da diversidade das necessidades e demandas dos sujeitos dela construtores.

Para finalizar, registra-se, aqui, uma provocação à reflexão e ao desenvolvimento do tema que se procurou abordar, cuja complexidade e exigência de profundidade extrapolam os limites deste artigo. Feita por Singer, ela também é um convite ao debate social: “Se for apenas para atender às insuficiências do capitalismo, a economia solidária poderá continuar existindo, mas terá um papel absolutamente secundário de atenuador de contradições” (SINGER, 2008, 308). Esse desafio interpela, necessariamente e de forma essencial, a produção simbólica na, para e pela economia simbólica.

Referências

BERNSTEIN, Edward. *Evolutionary socialism: a criticism and an affirmation*. Nova York, Schocken Books, 1961.

CORAGGIO, José Luís. Da economia dos setores populares à economia do trabalho. In: KRAYCHETE, Gabriel; LARA, Francisco e COSTA, Beatriz (orgs.). *Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2000.

CORAGGIO, José Luís. *Política social y economía del trabajo*. Zinacantepec, Estado de México: El Colegio Mexiquense, 2003.

HADDAD, Fernando. Sindicalismo, cooperativismo e socialismo. Disponível em: <<http://criticasocialista.wordpress.com/outros-textos/sindicalismo-cooperativismo-e-socialismo-fernando-haddad/>>. Acesso em 25 ago. 2012.

LAVILLE, Jean Louis. Ação pública e economia: um quadro de análise. In: FRANÇA FILHO *et al.* *Ação pública e economia solidária: uma perspectiva internacional*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

LEITE, Márcia de Paula. A economia solidária e o trabalho associativo: teorias e realidades. *RBCS*, v. 2, n. 69, fev. 2009, p.31-51.

LUXEMBURGO, Rosa. *Reforma social ou revolução*. São Paulo, Global, 1986.

MARX, Karl. *Cooperativismo e socialismo*. Coimbra: Centelha, 1979.

SINGER, Paul. Economia dos setores populares: propostas e desafios. In: KRAYCHETE, Gabriel; LARA, Francisco e COSTA, Beatriz (orgs.). *Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia*. Petrópolis, RJ, Vozes, 2000a.

SINGER, Paul. Economia solidária: um modo de produção e distribuição. In: SINGER, Singer; SOUZA, André Ricardo de (orgs.). *A economia solidária no Brasil*, São Paulo: Contexto, 2000b.

SINGER, Paul. A experiência brasileira da SENAES. In: FRANÇA FILHO *et al.* *Ação pública e economia solidária: uma perspectiva internacional*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

SINGER, Paul. Economia Solidária – Entrevista. *Estudos Avançados*, v. 22. n. 62, São Paulo, jan./abr. 2008.

QUIJANO, Aníbal. Sistemas alternativos de produção? In: SOUZA SANTOS (org.). *Produzir para viver*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2002.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WEBB, Sidney; WEBB, Beatrice. Co-operative production and profit sharing. *Special Supplement to the New Statesment*, 2 (45), 1914.